



RESENHA

Language Ecology v. 1, n. 1, 2017. General Editors: Umberto Ansaldo & Lisa Lim. Amsterdam: John Benjamins Company. ISSN 2452-1949 / E-ISSN 2452-2147, 103p.

Hildo Honório do Couto (UnB)

A revista em epígrafe é a primeira a surgir em papel em nível internacional sobre o tema "língua e ecologia". No nível *online* já havia uma publicação com um nome bastante parecido, ou seja, *Language & Ecology*, desde 2004, disponível no site da The International Ecolinguistics Association (IEA), <http://ecolinguistics-association.org>. No Brasil já havia surgido nossa *ECO-REBEL*, no primeiro semestre de 2015, também disponível apenas *online*, mas apresentando todos os requisitos exigidos de uma publicação científica. Portanto, ao que sabemos, a revista *Language ecology* aqui resenhada é a terceira que surgiu sobre esse tema. Curiosamente, nem os organizadores nem os autores dos artigos nela presente mencionam as duas anteriores.

Vou começar esta resenha reproduzindo o que os organizadores, Umberto Ansaldo e Lisa Lim (ambos da Universidade de Hong Kong), dizem no Editorial que abre o primeiro número de *Language Ecology*: "A ecologia da linguagem é um arcabouço para o estudo da língua como concebida sobretudo no trabalho de Einar Haugen de 1971/1972, em que ele define ecologia da linguagem como 'o estudo das interações entre uma língua qualquer e seu meio ambiente'". Eles acrescentam que essa proposta "foi uma reação à noção de língua abstrata – como uma entidade monolítica, descontextualizada, estática –, propagada por Chomsky, concebendo-a como um arcabouço amplo e interdisciplinar". Em seguida, mencionam as 10 questões às quais, segundo Haugen, a futura disciplina deveria se dedicar. Entre elas os organizadores mencionam linguística histórica, sociolinguística, contato, variação, etnolinguística etc. De acordo com Ansaldo e Lim "responder a algumas ou todas essas questões é parte das tarefas da ecologia da linguagem" (*language ecology*). Eles dizem ainda que "desde Haugen, a noção de ecologia na linguística passou a incluir questões de natureza social, educacional, histórica

ECO-REBEL

e de desenvolvimento", às quais se acrescentariam tópicos como "mudança linguística e social, línguas ameaçadas e direitos humanos". A revista não pretende propor nem apoiar a criação de uma nova disciplina, "pelo contrário", dizem, "nós estamos interessados em desfazer fronteiras disciplinares, e damos boas-vindas a perspectivas sobre a língua que sejam contextualizadas e interconectadas". Ora, isso é um dos objetivos do grupo em torno de ECO-REBEL também.

Levando essa última asserção e o que subsegue em consideração, a revista vem com propostas bastante inovadoras. Dizem os organizadores que desejam "uma revista que se afaste de artigos demasiadamente longos e repetitivos nos quais a revisão da literatura prévia toma a maior parte do texto". A revista quer artigos que sejam "perspicazes, mas, ao mesmo tempo, inteligíveis a um público mais amplo". Pretendem também priorizar autores do mundo não eurocêntrico, como o "Sul Global" e o Oriente. Tanto que não exigirão dos autores que usem um inglês escurido, castiço, com o que pretendem aliciar pesquisadores jovens.

As propostas são interessantes e podem ser compatibilizadas com alguns dos objetivos da linguística ecossistêmica, mas não com todos. Acho que esses objetivos de certa forma complementam os de ECO-REBEL e do grupo que ela representa. Vejamos o conteúdo do primeiro número de *Language ecology*, que consta de quatro artigos, precedidos de um Editorial apresentando a proposta da revista.

O artigo de Jackie van den Bos, Felicity Meakins & Cassandra Algy, "Searching for 'Agent Zero': The origins of a relative case system", analisa uma das mudanças que ocorreram nos sufixos de caso do crioulo Gurindji derivado da língua Gurindji do norte da Austrália, no caso, o sufixo ergativo *-ngku/-tu*, que passou a indicar o caso nominativo, sobretudo na linguagem das crianças. Agora o sufixo está indicando tanto possuidor quanto sujeito. Na seção 2 do artigo (The *-ngku* variant and its language ecology) os autores apresentam a "ecologia" dessa inovação, ou seja, quem a pratica, onde mora, com quem convive, que idade tem etc. Isso justifica a inclusão do texto em uma revista de "ecologia da linguagem" que se aproxima da linguística ecossistêmica: lembremos que esta encara seu objeto de modo holístico, não se restringindo à exoecologia linguística.

Kara Fleming, em "Hong Kong's language ecology and the racialized linguistic order", deixa transparecer, já no próprio título, que vai investigar a política de "trilinguismo e bilinguismo" de Hong Kong ("trilinguismo" em inglês, cantonês e mandarim). A autora mostra que essa política não consegue esconder as questões raciais que acabam

determinando a ordem social em que a língua é usada. Dos mais de 7 milhões de habitantes de Hong Kong, 94% são etnicamente chineses e falam variedades de cantonês, além de comunidades que falam as variedades hakka, hokkien e chiuchow (línguas independentes, que as autoridades chinesas querem fazer passar por dialetos do mandarim), embora influenciados pelo cantonês. Há minorias de filipinos, indonésios, indianos e norte-americanos, além de grupos menores ainda, como o dos nepaleses e o dos paquistaneses. O inglês exerce o papel de língua franca entre as diversas etnias originárias do sul da Ásia. Legalmente, ele é oficial junto com o chinês (referindo-se tanto ao cantonês falado quanto ao mandarim escrito).

O artigo de Guillaume Fon Sing, "Creoles are not typologically distinct from non-Creoles", discute uma questão que foi alvo de acalorados debates entre os crioulistas no final do século passado, com alguns argumentando que os crioulos têm gramáticas diferentes das línguas não crioulas e outros dizendo que não, que eles só podem ser tidos como uma classe à parte devido às condições sócio-históricas de seu surgimento. O autor mostra que o primeiro tipo de argumento (os crioulos seriam estruturalmente diferentes dos não crioulos) se baseia numa seleção mal feita de línguas a ser investigadas, de modo que as conclusões não são válidas. Em suma, "os crioulos não são tipologicamente diferentes dos não crioulos". Um dos signatários do quarto e último artigo deste número de *Language ecology* (Mufwene) é um dos autores que, na mencionada polêmica, sempre defendeu a tese de que os crioulos são línguas como quaisquer outras.

O quarto e último texto é de Salikoko Mufwene & Cécile Vigouroux e se intitula "Individuals, populations, and Timespace: Perspectives on the ecology of language revisited". Os autores abrem a discussão salientando que sua "ecology of language" é diferente da ecolinguística; segundo eles, sua abordagem é inspirada na macroecologia – mas, a da linguística ecossistêmica também. Eles a aplicam à evolução linguística, articulando vários fatores internos e externos à língua que são importantes para seu surgimento filogenético, inclusive para as mudanças estruturais que a língua sofreu e para explicar como algumas se especiaram em variedades especiais (deram lugar a mais de uma língua). A ecologia externa também influi em como a língua prospera ou entra em obsolescência. Por fim, os autores mostram como essas ideias da "Language ecology" podem ser importantes para a sociolinguística qualitativa.

São poucos artigos para uma revista acadêmica que se pretende de nível internacional. No entanto, nada do que se discute nesses quatro textos extrapola o âmbito de interesse da linguística ecossistêmica. Como é sobejamente sabido, ela procura encarar seu objeto de estudo (a língua e a linguagem em sua integralidade) de maneira abrangente, holística. Por isso, ela se interessa tanto pela endoecologia ("ecologia interna" de Mufwene e Vigouroux) quanto pela exoecologia linguística (a "ecologia externa" desses autores). Como vimos, o texto de Bos, Meakins & Algy é basicamente endoecológico, embora inclua uma pequena seção exoecológica. O de Fleming é praticamente só exoecológico. O de Sing fica a meio caminho entre as duas posições, o que, de certa forma, acontece também com o de Mufwene e Vigouroux.

É importante ressaltar que há estudiosos que não apreciam a proposta da revista *Language ecology* ora resenhada. Na opinião deles, o objetivo dela não é ecolinguístico. Para esses pesquisadores, trata-se de uma revista de sociolinguística, que não avança nada de novo em relação ao que já se vinha fazendo sob essa rubrica. Vale dizer, para eles *Language ecology* usa a ecologia apenas como uma metáfora, crítica com a qual o ecolinguista Mark Garner e o movimento da linguística ecossistêmica concordam. A proposta da revista não parte da ecologia; procura ir até ela. Uma outra crítica é o fato de a revista ser antropocêntrica, não incluir as outras espécies vivas (e até seres não vivos como a terra, o ar e as águas) em seu âmbito de interesse. Isso para o setor da linguística ecossistêmica chamado de análise do discurso ecológica (ADE) é inaceitável. Eu, particularmente, criticaria a própria composição do Conselho Editorial (Editorial Board). Ele não contém nenhum dos nomes internacionalmente conhecidos na área da ecolinguística, exceto, talvez, o de Salikoko Mufwene, cuja presença honraria qualquer publicação. O problema é que ele diz explicitamente logo no início de seu artigo que não é ecolinguista, com o que se aproximaria dos objetivos da revista. Aliás, ele e Vigouroux usam o mesmo nome da revista para o que fazem (*ecology of language, language ecology*), que também foi o nome usado por Einar Haugen em 1971/1972. O que é mais, no Conselho há até o nome de um gerativista do MIT (Michel DeGraff), o que é de estranhar, pois a gramática gerativa é o representante máximo da posição criticada por quem tem uma visão ecológica dos fenômenos da linguagem.

Enfim, nós da linguística ecossistêmica consideramos bem-vinda a publicação de *Language ecology*, pois, apesar de seus objetivos não coincidirem 100% com os dela, de certa forma os complementa. Não é uma publicação que poderia ser a publicação da

ECO-REBEL

linguística ecossistêmica, mas uma grande aliada, uma parceira. Eu sou de opinião de que vale a pena os leitores de ECO-REBEL tomarem conhecimento dela.

Recebido: 05/06/2017.

Aceito: 20/072017.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 2, 2017.